

RELATÓRIO DE ESTÁGIO DO ENSINO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA SUPERVISIONADA

Susana Filipa da Rocha Lourenço Monteiro

As Áreas Temáticas e a Cooperação

Provas destinadas à obtenção do grau de Mestre para a Qualificação para a
Docência em Educação Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico



INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS

Março de 2014

RELATÓRIO DE ESTÁGIO DO ENSINO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA SUPERVISIONADA

As Áreas Temáticas e a Cooperação

Autora: Susana Filipa da Rocha Lourenço Monteiro

Orientadora: Doutora Luísa Araújo

Coorientadora: Mestre Joana Cortes Figueira

Resumo

Encarando a educação como o maior valor de todo o ser humano, pretendeu-se com o trabalho realizado, consciencializar as crianças para a importância da partilha e da solidariedade. Este relatório comporta o trabalho que foi realizado no que respeita aos dois estágios praticados em diferentes níveis de ensino, Pré-Escolar e ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico. Aqui se apresentam os dados recolhidos sobre os contextos socioeducativos e as práticas que foram desenvolvidas evidenciando algumas das atividades mais significativas, assim como os seus resultados e respetivas avaliações. O tema “As Áreas Temáticas e a Cooperação” adveio da necessidade de dar continuidade a um projeto já existente na valência de Pré-Escolar, assim como da carência sentida no que respeita a trabalhar em conjunto para um mesmo projeto ao nível do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Palavras-chave: Cooperação; Área temática; Estudo do Meio

Abstract

Considering that education is the biggest value of the human being, this work intended to make children aware of the importance of sharing and solidarity. This report describes the work that has been done regarding the two internships practiced in different levels of teaching, Preschool and Primary School level. Here are presented the data acquired about the social-educative contexts and the developed practices, noticing some of the most significant activities and its results and respective evaluations. The theme “The Thematic Areas and Cooperation” arose from the necessity of giving continuity to a project that already existed in the Preschool, as well as the feeling regarding the absence of group work at the Primary School level.

Keywords: Cooperation; Thematic Areas; Social Studies

Índice Geral

1.	Introdução.....	7
2.	Contextualização da intervenção na valência de Pré-Escolar	9
2.1	Caracterização do Meio Envolvente	9
2.2	Caracterização da Instituição	9
2.3	Caracterização da sala.....	11
2.4	Caracterização do Grupo	14
3.	Perspetivas Educacionais/Objetivos.....	17
4.	Intervenção	19
4.1	“Áreas Temáticas”/“Áreas Temáticas – Área do Conhecimento do Mundo”	19
4.2	Enquadramento teórico da problemática/“Área do Conhecimento do Mundo”	20
4.3	Prática desenvolvida	21
4.4	Atividades significativas em contexto de estágio	23
5.	Avaliação.....	27
5.1	Avaliação do grupo	27
5.2	Reflexão	28
6.	Contextualização da intervenção no nível do 1.ºCEB.....	31
6.1	Caracterização do Meio envolvente.....	31
6.2	Caracterização da Instituição	31
6.3	Caracterização da Sala	33
6.4	Caracterização do grupo	35
7.	Perspetivas Educacionais/Objetivos.....	37
8.	Intervenção	39
8.1	“Cooperação e o Estudo do Meio”/“Competências Sociais e Estudo do Meio”	39
8.2	Enquadramento teórico da problemática/“Competências Sociais e Estudo do Meio”	40
8.3	Prática desenvolvida	41

8.4	Atividades mais significativas em contexto de estágio	42
9.	Avaliação.....	47
9.1	Avaliação do grupo	47
9.2	Reflexão	48
10.	Conclusão.....	51
	Referências bibliográficas.....	53
	Anexos	57

Índice de Quadros

Quadro 1 – Rotina diária referente às salas dos quatro anos.....	13
--	----

Índice de Figuras

Figura 1 – Áreas de aprendizagem.....	22
Figura 2 – Intervenções Realizadas no nível do 1.º CEB	41

Índice de Anexos

- Anexo I – Entrevista à Coordenadora
- Anexo II – Planta da sala Pré-Escolar
- Anexo III – Entrevista à Educadora
- Anexo IV – Quadro referente aos dados psicossociais das crianças
- Anexo V – Atividades realizadas em contexto de estágio
- Anexo VI – A área da primavera
- Anexo VII – Atividade “A Sementinha” – Planificação e Relatório diário
- Anexo VIII – Atividade “A Sementinha” – História
- Anexo IX – Atividade “A Sementinha” – Trabalho final
- Anexo X – Atividade “A Sementinha” – Lista de verificação
- Anexo XI – Cessão de exploração do colégio Ramalhão
- Anexo XII – Método de Singapura
- Anexo XIII – Planta da sala do 1.º CEB
- Anexo XIV – Horário – 3.ºC
- Anexo XV – Quadro referente aos dados psicossociais dos alunos
- Anexo XVI – Planificação Curricular Anual
- Anexo XVII – Atividade “Ciclo da água” – Planificação e Relatório diário
- Anexo XVIII – Atividade “Ciclo da água” – Imagens
- Anexo XIX – Atividade “Ciclo da água” – Protocolo
- Anexo XX – Atividade “Ciclo da água” – Conclusão
- Anexo XXI – Atividade “Ciclo da água” – Grelha de observação
- Anexo XXII – Atividade “Oceanos” – Planificação e Relatório diário
- Anexo XXIII – Atividade “Oceanos” – Folha de registo
- Anexo XXIV – Atividade “Oceanos” – Cartaz
- Anexo XXV – Atividade “Oceanos” – Lista de verificação
- Anexo XXVI – Exemplo de texto de um aluno

Lista de abreviaturas

CEB – Ciclo do Ensino Básico

PCA – Planificação Curricular Anual

1. Introdução

A realização do presente relatório final surgiu da necessidade de elaborar um documento que oficializasse o trabalho que foi desenvolvido ao longo dos três semestres do Mestrado de Qualificação para a Docência em Educação Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico [CEB] (1.º e 2.º semestres no ano letivo de 2012/2013 e 3.º semestre no ano letivo de 2014).

Foram realizados dois estágios, um na valência de Pré-Escolar e o outro no nível do 1.º CEB. O primeiro teve lugar no Colégio Planalto com um grupo de crianças de quatro anos de idade, duas manhãs por semana durante dois semestres. O segundo, no Colégio de São Tomás, com um 3.º ano, quatro manhãs por semana durante um semestre. Numa primeira fase foram realizadas observações participantes onde foi possível verificar quais as dinâmicas de sala e as metodologias e estratégias utilizadas pela educadora e pela professora cooperante. Posteriormente, executou-se a planificação e dinamização de atividades sempre de acordo com os projetos de cada instituição e com a aprovação das respetivas docentes.

Para a formação de futuros educadores/professores é de extrema importância a realização de estágios e sessões de observação e intervenção, pois pode-se presenciar a forma como os docentes interagem com os seus alunos e a maneira como organizam as suas aulas, conseguindo identificar possíveis pontos fracos que devem ser trabalhados e modificados, assim como pontos fortes que enriquecem e servem de aprendizagem ao aluno estagiário, quer no domínio do conteúdo quer no âmbito pessoal. Neste sentido, o estágio serve como ferramenta fundamental para o processo de articulação entre os conhecimentos que são obtidos ao longo do curso e da prática pedagógica.

Para as duas valências foram criadas áreas de intervenção prioritárias, conforme as necessidades de cada grupo, que serão apresentadas ao longo deste trabalho. Desta forma, este documento encontra-se dividido em duas grandes partes, a primeira referente ao percurso realizado na valência de Pré-Escolar e a segunda referente ao percurso efetuado no 1.º CEB. Para ambas, foram realizadas as respetivas contextualizações, caracterizando o meio, a instituição, a sala e o grupo. Apresentam-se ainda as perspetivas educacionais/objetivos, seguindo-se a justificação da área de intervenção e a descrição de algumas atividades realizadas, assim como uma reflexão e avaliação crítica dos resultados observados.

Por último, constam as referências bibliográficas que são apresentadas ao longo do trabalho, indispensáveis à conceptualização do mesmo e os anexos considerados relevantes para a melhor compreensão dos projetos que foram levados a cabo ao longo do percurso de estágio.

2. Contextualização da intervenção na valência de Pré-Escolar

2.1 Caracterização do Meio Envolvente

A freguesia do Lumiar foi criada a 2 de Abril de 1266 e hoje em dia possui cerca de 45.000 habitantes, confina com o concelho de Odivelas e freguesias de Campo Grande, S. João de Brito, Santa Maria dos Olivais, Charneca do Lumiar, Ameixoeira e Carnide¹. O Lumiar é uma zona que possui bastantes redes de transportes públicos, facilitando as deslocações através dos serviços da Carris e da Rodoviária (autocarros), do Metropolitano de Lisboa (linha amarela) e estradas que proporcionam fáceis e rápidos acessos.

Ao serviço da comunidade estão disponíveis os seguintes recursos: Recursos de Ação Social, Recursos de Educação/Formação, Recursos de Saúde, Recursos de Utilidade Pública, Recursos Socioculturais, Recursos Desportivos e Entidades Religiosas.

2.2 Caracterização da Instituição

O colégio Planalto é uma instituição privada, situa-se na zona de Telheiras e tem como identidade titular a Cooperativa Fomento de Centros de Ensino. Pertencentes a esta Cooperativa, existem o colégio Mira Rio (destinado somente a alunas do género feminino, em Lisboa), o colégio Horizonte (igualmente destinado a alunas do género feminino, no Porto) e o colégio dos Cedros (para alunos do género masculino, no Porto). No colégio Planalto existe a vertente infantil onde rapazes e raparigas trabalham juntos. Aqui, desenvolve-se o Projeto *Optimist*, projeto este que é exclusivo dos colégios Fomento. Para a realização desta caracterização foi importante a pesquisa na página oficial do estabelecimento, recorreu-se à observação direta com base em alguns pontos da ficha da escola, elaborada usando como referência o manual de Albano Estrela (1994) “Teoria e Prática de Observação de Classes”, assim como a entrevista à Coordenadora do colégio (Anexo I). Recorreu-se a todo este processo de pesquisa a fim de conhecer a instituição, pois “cada modalidade de educação pré-escolar tem características organizacionais próprias e uma especificidade que decorre da sua

¹ Dados retirados da página oficial da Junta de Freguesia do Lumiar. In <http://www.jf-lumiar.pt>

dimensão e dos recursos materiais e humanos que dispõe” (Ministério da Educação, 1997, p. 41).

Segundo a página oficial do colégio², esta organização foi fundada em 1978 por um grupo de pais com a finalidade de proporcionar aos seus filhos uma educação integral e completa, segundo o conceito de educação personalizada. Começou com cerca de 80 alunos do 1.º ao 6.º ano de escolaridade. Em outubro de 1983, foram transferidas as instalações do bairro do Restelo para as atuais em Telheiras. Em 1996 foi inaugurado o edifício do Pré-Escolar e por fim, em Setembro de 2008 a Creche. Hoje em dia o colégio alberga crianças desde o Berçário até ao 12.º ano de escolaridade.

Na entrada do colégio existe um edifício principal, onde se situa a direção, secretaria, uma capela e alguns escritórios. Ao seu redor há um jardim e uma zona de estacionamento. O colégio possui cinco edifícios, todos em bom estado de conservação: Berçário, Creche e Pré-Escolar; 1.º, 2.º e 3.º CEB e bacharelato internacional (10.º, 11.º e 12.º anos); ginásio; refeitório e ainda um campo de futebol. O portão do colégio está permanentemente aberto, vigiado por um segurança que se encontra à entrada do mesmo.

No que respeita apenas à zona de Pré-Escolar, Creche e Berçário esta cumpre o horário das 08h00 às 19h00 (sendo que das 17h00 às 19h00 é considerado horário de prolongamento) e é constituída da seguinte forma:

Berçário – copa, sala com berços e sala de alimentação/atividades;

Creche – uma sala para crianças com um ano de idade, uma sala para crianças de dois anos, refeitório para as crianças de um ano, casa de banho mista e dois espaços exteriores, um deles coberto;

Pré-Escolar – duas salas para crianças de três anos (com ligação entre si), duas salas para crianças de quatro anos, três salas para crianças de cinco anos, sala dormitório (para as crianças de três anos), sala polivalente, casa de banho para meninas, casa de banho para meninos, casa de banho mista (com instalações menores para as crianças de três anos), refeitório (para as crianças das salas dos dois, três, quatro e cinco anos de idade e funciona por turnos, uma vez que este só tem capacidade para 100 crianças), casa de banho para adultos, sala de reuniões, sala das educadoras, secretaria, duas salas de atendimento aos encarregados de educação, gabinete da coordenadora, gabinete das

² Dados retirados da página oficial do colégio. In <http://www.colegioplanalto.pt/>

professoras de inglês, duas arrecadações e espaço exterior protegido, com escorregas e uma casinha de madeira para as crianças poderem brincar.

Como recursos humanos o colégio acolhe 10 educadoras, 10 auxiliares de educação, duas professoras de inglês, duas ajudantes de cozinha (o trabalho de cozinha está entregue a uma empresa que fornece todo o colégio), uma administrativa, uma coordenadora pedagógica (educadora da instituição) e uma diretora.

A instituição conta com recursos materiais variados e em bom estado assim como: recursos digitais – computadores, telefones, impressora/fotocopiadora; material didático – livros, quadros de ardósia, brinquedos e jogos variados; material de desgaste – canetas de feltro, lápis de cor/cera/carvão, borrachas, tintas, afias, pincéis, folhas de papel, entre outros; material de desporto – banco sueco, colchões, arcos, bolas, cordas, pinos, mini trampolim, etc.

O colégio tem à disposição das suas crianças várias atividades extracurriculares tais como ballet, futebol, judo e música. Estas decorrem nas instalações do colégio, com professores exteriores ao mesmo e tenta-se que estas não interfiram no horário do projeto. Durante o ano letivo ocorrem ainda, para além da comemoração das habituais datas festivas, encontros entre pais e educadores a fim de dialogarem sobre o seu educando e discente respetivamente, como defende Avelino (2005), quando afirma que “a comunicação tem de ser uma constante, tem de fluir, tem de ser efectiva entre as Famílias e a Escola, e vice-versa” (p.77). É um objetivo destas reuniões que o educador conheça a criança enquanto filho e que os pais conheçam o filho enquanto aluno de Pré-Escola. Considera-se bastante interessante esta atitude adotada face à vida escolar das crianças pois como Lima (1992, citado por Homem, 2002) defende “a escola surge como uma extensão da família, tendo como uma das suas funções, alargar e complementar o seu papel educativo”(p.35).

2.3 Caracterização da sala

Em 1997, o Ministério da Educação afirma que “os espaços de educação pré-escolar podem ser diversos, mas o tipo de equipamento, os materiais existentes e a forma como estão dispostos condicionam, em grande medida, o que as crianças podem fazer e aprender” (p.37). Atribuindo a mesma importância no que se refere ao espaço pedagógico, foram recolhidos um conjunto de dados que ajudaram à compreensão do espaço que as crianças frequentavam no seu dia-a-dia, a organização do mesmo, os materiais que ali existiam e de que forma estes favoreciam ou condicionavam as suas

aprendizagens. Para a respetiva recolha de dados utilizou-se a técnica de observação direta, imprescindível na área da educação, sendo possível verificar os vários aspetos físicos e rotinas implementadas, que foram sendo explicadas detalhadamente em conversas informais pela educadora cooperante. A visualização referente à planta da sala (Anexo II) permite perceber melhor a descrição que se segue.

A sala é retangular e bastante ampla, o que facilita a deslocação das crianças pela mesma. A luminosidade é um fator bastante positivo neste espaço, uma vez que ao fundo da sala existe uma parede rasgada por janelas, o que permite a entrada de luz natural proveniente do sol. Do lado esquerdo dessa parede existe ainda uma porta com acesso direto ao espaço exterior do colégio.

No que respeita ao interior da sala, esta é revestida por um pavimento em vinil azul e as paredes são todas em branco. Ao entrar encontra-se no lado direito uma bancada bastante espaçosa com lavatório e armários por baixo. Ao fundo dessa bancada existe um armário alto de duas portas com prateleiras, no qual se guarda material de desgaste, livros e outros materiais de expressão plástica. Existem duas mesas redondas (em que os pés das cadeiras e das mesas são vermelhos e azuis) e duas retangulares (com os pés das mesas e cadeiras verdes e amarelos). Estas cores correspondem às cores das equipas formadas no início do ano pela educadora cooperante. Cada equipa é composta por um grupo de meninos e um chefe de equipa que muda todas as semanas.

O quadro de ardósia encontra-se centrado na parede do lado direito e nele está exposto o lema quinzenal (lema que o educador trabalha durante um período de tempo, com o intuito de que a partir daí as crianças o sigam conscientemente, a título de exemplo: “Cumprimento todas as pessoas sempre que chego ao colégio.”). Ao lado direito deste, existe uma mesa com um computador, a garagem e no lado esquerdo uma estante de jogos seguida de duas caixas de brinquedos variados. A estante possui quatro prateleiras, cada uma etiquetada com uma cor diferente (os jogos estão igualmente identificados, facilitando o processo de arrumação). Os cabides onde as crianças colocam os seus pertences encontram-se ao longo das janelas na parte inferior, tornando-se, assim, fácil a ida para o recreio quando os meninos têm que levar chapéus e casacos.

Seguindo para a parede esquerda da sala, ao pé da porta para o recreio, encontra-se a casinha e um placar grande onde a educadora expõe os trabalhos das crianças. Ao lado há um outro armário com prateleiras colocado na vertical, aqui encontram-se os livros das aulas de inglês, materiais de escrita, os cestos onde guardam os equipamentos

para o circuito psicomotor e do lado oposto livros variados que as crianças podem consultar. Continuando ainda para o lado esquerdo, encontra-se um outro armário, desta vez mais alto, onde ficam os dossiers de cada criança. Por último, e chegando de novo à entrada da sala há o cantinho da Unidade Mensal (onde são expostos os trabalhos referentes ao tema de cada mês, assim como outros objetos pertinentes). É de frisar ainda que todo o material que se encontra na sala permanece em bom estado.

Todos os dias, salvo raras exceções, estão presentes dentro da sala a educadora e a auxiliar, (a primeira cumpre o horário das 09h00 às 16h00 enquanto a segunda se rege por um horário rotativo) assim como o grupo de 21 crianças.

Os dados a seguir mencionados referem-se às rotinas de sala, com exceção da sexta-feira, pois neste dia não se realiza o circuito neuromotor. Estas rotinas são fundamentais para que as crianças tenham a noção prévia de como os tempos dos seus dias são organizados, visto que:

a sucessão de cada dia ou sessão tem um determinado ritmo existindo, deste modo, uma rotina que é educativa porque é intencionalmente planeada pelo educador e porque é conhecida pelas crianças que sabem que podem fazer nos vários momentos e prever a sua sucessão (Ministério da Educação, 1997, p. 40).

Quadro 1 – Rotina diária referente às salas dos quatro anos

Horas	Rotina	Observações
08h00	Acolhimento	Para as crianças que chegam mais cedo ao colégio
09h00	Módulo da Manhã	-
09h30	Circuito Neuromotor	-
10h00	Aula de Inglês	-
10h30	Recreio	-
11h00	Leitura e Escrita	-
11h45	Almoço	-
12h30	Recreio	-
13h45	Cantinhos	-
14h45	Unidade Mensal	-
15h45	Lanche	-
16h00	Recreio	-
17h00	Prolongamento	Para as crianças que saem mais tarde

A manhã começa com uma pequena oração, a exposição dos bits de leitura (conjunto de cartões de palavras), dos bits de quantidade (conjunto de cartões com algarismos) e dos bits de inteligência (conjunto de cartões com imagens) e uma audição musical, isto é o módulo da manhã. Os bits encontram-se sempre de acordo com a Unidade Mensal que está a ser trabalhada e têm como objetivo, como refere a página oficial da instituição, estimular a inteligência da criança, desenvolver a capacidade de atenção ativa e a memória, ampliando o vocabulário e os conhecimentos de cultura geral. Depois disto, as crianças vestem o equipamento para realizarem o circuito neuromotor. Segue-se meia hora de aula de inglês e no fim desta as crianças vão para o recreio. O tempo da leitura e escrita ocorre depois do recreio, prolongando-se até à hora do almoço. Depois do almoço os meninos voltam ao espaço exterior. Regressam à sala de novo e as equipas distribuem-se pelos cantinhos para atividades diversas. Por último, é trabalhado de variadas formas o tema referente à Unidade Mensal. Segue-se o lanche e o último recreio. Os pais começam a chegar ao colégio para buscar as crianças a partir das 16h00. O colégio encontra-se aberto até às 19h00 da tarde, sendo que desde as 17h00 é considerado prolongamento.

2.4 Caracterização do Grupo

O grupo da sala onde decorreu o estágio era misto, constituído por 21 crianças de quatro anos de idade (algumas ainda com três anos), 15 do género masculino e seis do género feminino. Em 1997, o Ministério da Educação afirmou que existem:

diferentes factores que influenciam o modo próprio de funcionamento de um grupo, tais como, as características individuais das crianças que o compõem, o maior ou menor número de crianças de cada sexo, a diversidade de idades das crianças, a dimensão do grupo (p. 34)

Sendo um grupo em que predominava o género masculino e tendo em conta a entrevista à educadora (Anexo III), apurou-se que o grupo era agitado mas alegre e com relações fortes de amizade. Neste grupo, que está junto desde os três anos de idade, não existia nenhuma criança referenciada com necessidades educativas especiais. Apesar de se tratar de uma turma mista, e tendo como base a entrevista à Coordenadora Pedagógica (Anexo I), o colégio defende que o Projeto *Optimist* era impossível de se aplicar numa turma heterogénea, pois havendo mais do que uma idade, o processo de escrita e outras atividades mais específicas teriam que ser realizadas em momentos diferentes e por isto, não seria tão adequado.

A rotina “permite às crianças antecipar aquilo que se passará a seguir e dá-lhes um grande sentido de controlo sobre aquilo que fazem em cada momento do seu dia pré-escolar” (Hohmann&Weikart, 2011, p.8) ajudando-a a interiorizar melhor a noção de tempo, assim como a capacidade de decidir e pensar sobre aquilo que quer fazer a curto prazo. Arrumar os pertences de cada um; a passagem dos bits; lavar as mãos antes e depois de comer; ir para o recreio e organizarem-se em fila para o almoço, eram tarefas que as crianças realizavam todos os dias.

Para conhecer melhor cada criança e tomar conhecimento de quais as áreas de maior interesse do grupo, elaborou-se um quadro (Anexo IV) que foi preenchido com o auxílio da educadora cooperante. Posteriormente, depois de várias sessões de observação participante, preenchimento de grelhas de observação e registos de carácter pessoal, reuniu-se um conjunto de dados que permitiram a análise que se segue, tendo em conta as áreas e as metas de aprendizagem para a educação Pré-Escolar:

- Na área da formação pessoal e social o grupo revelou mostrar interesse pelos sentimentos uns dos outros e respeitavam-se enquanto indivíduos pertencentes a um mesmo grupo e espaço. Por vezes existiam alguns atritos no que respeita à escolha das áreas (casinha, garagem...), pois cada uma tem um número máximo de crianças que lá podiam permanecer, mas depressa se resolviam. No geral, respeitavam as regras da sala, o que tornou o ambiente de sala muito agradável para trabalhar. É de referir a relação de partilha que estas crianças foram desenvolvendo no que concerne ao material de expressões utilizado em sala. A título de exemplo: cada grupo, quando trabalha, tem na mesa um copo com lápis de cor, apenas um de cada cor. Sempre que uma criança usa uma cor e outra também precisa, alerta o amigo para isso e espera pacientemente.

- A área das expressões divide-se em diferentes vertentes. Quanto à expressão plástica, o grupo revelou gostar e trabalhar bastante com plasticina, pincéis e tintas guaches e desenho livre. Revelaram ainda, de um modo geral, muita dificuldade em manusear a tesoura. Na área da expressão dramática as meninas da turma mostraram um grande à vontade para brincar ao faz de conta na área da casinha, sendo que alguns meninos também as acompanhavam nesta brincadeira. No que respeita à área da dança, todos participam de bom grado, no entanto, alguns mostraram uma certa dificuldade na coordenação. Ao nível da expressão motora, o grupo gosta muito de jogos com música, jogos de cooperação e com diferentes materiais, adoram saltar no mini trampolim e fazer corridas de competição no recreio. Por último, no que toca à expressão musical, o grupo revelou bastante sensibilidade nesta área, pois para além das habituais músicas

referentes a aspetos do seu dia-a-dia, as crianças ouvem todos os dias de manhã música clássica, levando a que algumas já consigam diferenciar os diferentes compositores.

- Na área da linguagem oral e abordagem à escrita, as crianças revelaram saber escrever o seu nome, sendo que por vezes uma ou outra o escreveu em forma de espelho. Ao nível do discurso oral, a maioria produzia um discurso correto, à exceção do caso de uma criança que mantinha um discurso considerado muito infantil para a sua idade. Os livros faziam parte do dia-a-dia destas crianças, todos os dias os meninos chegavam com novos livros à sala e pediam para lhes serem lidas essas histórias. No recreio, era frequente ver as crianças a “lerem” histórias umas para as outras. Também faziam parte da rotina a leitura de poemas, adivinhas, lengalengas, sempre de acordo com a unidade temática que estava a ser trabalhada na altura.

- Na área da matemática a contagem dos números era parte integrante da rotina destas crianças. Todas as semanas iam mais além no que respeita à contagem dos números, a título de exemplo: uma semana contavam até 20, na outra contavam até 30, sempre de forma audível e coletivamente. O grupo trabalhou, com auxílio, o *cuisinaire*, montou puzzles e diversos jogos de encaixe. Conseguiu ainda identificar algumas formas geométricas.

- Na área do conhecimento do mundo, o grupo demonstrou ter consciência de si e dos outros, identificando partes do corpo e compreendendo que as pessoas passam por diferentes fases, desde bebés até adultos. Souberam distinguir os diferentes graus de parentesco, assim como compreenderem qual o seu papel no seio da sua família. Identificaram as diferentes estações do ano e os dias da semana, apresentando uma boa noção do espaço e do tempo, compreendendo-o como um ciclo.

- Na área das tecnologias de informação e comunicação o grupo realizou algumas atividades no computador, como desenho livre e guiado, no entanto era uma área pouco explorada.

3. Perspetivas Educacionais/Objetivos

O colégio onde decorreu o estágio de intervenção possui um conjunto de fatores que se acredita que contribuam para a aprendizagem da criança e para a sua felicidade enquanto aluno. Este é dotado de amplas estruturas as quais recebem, durante todo o dia luz natural quer seja verão quer seja inverno. Os recursos materiais são variados e encontram-se em bom estado. Quanto aos recursos humanos, a instituição conta com o número adequado de pessoas para a estrutura que alberga, são pessoas qualificadas e que vivem a profissão. Como foi referido anteriormente, o colégio oferece aos seus alunos um conjunto de aprendizagens específicas do Projeto *Optimist*. No entanto, e tratando-se de um projeto exclusivo aos colégios Fomento, não será possível revelar em que é que este se baseia e as teorias em que este acredita.

Estrela (1994) afirma que “o espaço pedagógico é simultaneamente o lugar físico em que se processa a transmissão intencional do saber e a estrutura de origem cultural que suporta e organiza a relação pedagógica” (p.37). No caso, a sala em que se trabalhou, esta continha várias áreas temáticas (matemática, leitura, experiência...) que eram trabalhados na parte da tarde com as crianças, para além da zona da casinha, garagem, destinadas aos tempos de atividades livres. As rotinas estavam implementadas e as crianças cumpriam-nas com exatidão, tendo o circuito neuromotor como área preferida pela maioria das crianças da sala. Assim sendo, e porque as rotinas do colégio tinham obrigatoriamente de ser cumpridas, foi disponibilizada a parte da manhã para as intervenções da educadora estagiária. Deste modo, houve uma alteração no horário nos dias de intervenção da mesma. No Quadro 1, anteriormente mencionado, passou a haver uma alteração às terças e quartas-feiras. O momento de Leitura e Escrita às 11h00 da manhã passou a cumprir o horário das 14h45, passando o momento da Unidade Mensal para o lugar da primeira, para desta forma se poderem trabalhar as unidades temáticas. Sendo que nesta instituição existem temas a serem trabalhados todos os meses, foi delegado à educadora estagiária que interviesse essencialmente nesta área.

Posto isto, e considerando que “o papel do(a) educador(a) é o de organizar o ambiente e o de escutar, observar e documentar a criança para compreender e responder, estendendo os interesses e conhecimentos da criança e do grupo em direção à cultura” (Oliveira-Formosinho & Formosinho, 2013, p.32) estabeleceu-se como área de intervenção dar seguimento às unidades temáticas propostas pela instituição e ao mesmo

tempo formatar o espaço para estes mesmos temas, proporcionando à criança diferentes aprendizagens suscitando curiosidade para as mesmas. Tendo por base este princípio, definimos dois objetivos como ponto de partida:

- Proporcionar diferentes formas de aprendizagem, modificando a estrutura dos grupos e da sala sempre que necessário;
- Criar áreas temáticas, juntamente com os alunos, de acordo com o tema a trabalhar.

Considerando os primeiros anos de vida de uma criança essenciais para a sua formação enquanto adulto e “uma vez que a modelação é uma forma de aprendizagem poderosa, é boa ideia o professor estar especialmente atento às interações com as crianças” (O’Connor, 1969, 1972, citado por Katz & McClellan, 2006, p.35) procurou-se ser um bom modelo para a criança, adotando sempre uma atitude justa, respeitando as suas opiniões, dificuldades e tempos de aprendizagem. Como defendem Katz e McClellan (2006) “respeitar os sentimentos das crianças assegura-lhes que são compreendidas e respeitadas e que terão auxílio quando precisarem ou o desejarem” (p.24). Procurar ajudar a criança para que esta crie competências para ser autónoma, um futuro adulto competente, mas sobretudo humano é sem dúvida um grande desafio para futuros educadores.

4. Intervenção

4.1 “Áreas Temáticas”/“Áreas Temáticas – Área do Conhecimento do Mundo”

Desde o início do estágio foi possível observar todo o contexto educativo e apesar da escolha da problemática ter sido difícil, pois não foram detetadas carências nas várias áreas de aprendizagem, esta revelou-se um assunto desafiante. No caso deste colégio as salas estão todas expostas de forma idêntica. Todas têm quatro mesas em que as pernas destas são de várias cores (vermelhas, amarelas, azuis e verdes) com as suas respetivas cadeiras. Estas cores correspondem às cores das chamadas equipas. Cada grupo de meninos que se senta numa determinada mesa é uma equipa, esta equipa é sempre a mesma ao longo de todo o ano letivo (salvo raras exceções). Ou seja, os meninos são divididos em grupos no início do ano pela educadora, e até ao fim do mesmo trabalham sempre na mesma mesa com as mesmas crianças, exceto quando realizam atividades livres.

O facto de as crianças passarem mais tempo com umas do que com outras, uma vez que neste contexto, os meninos trabalham muito a leitura e a escrita, e mesmo algumas das outras atividades são feitas à mesa, pode levar a que de certa forma acabem por, por exemplo no recreio, brincar apenas com os amigos das suas equipas, ou seja, confinar a convivência a um grupo restrito de crianças. Isto parece não acontecer necessariamente em todas as salas e à medida que a faixa etária aumenta este facto tende a atenuar-se. Foi neste ponto que se focou a intervenção e é em parte sobre isso que se incidiu a problemática, pois “a organização do espaço em áreas e a colocação dos materiais (atendendo aos critérios de diversidade, quantidade e estética) são a primeira forma de intervenção do(a) educador(a)” (Oliveira-Formosinho & Andrade, 2011, p.12). No que respeita às áreas de aprendizagem, eram todas trabalhadas ao longo da semana, sendo que se dava mais ênfase à área da leitura e da escrita.

De forma a respeitar e a participar no projeto do colégio foi proposto que se trabalhasse o bloco da Unidade Mensal. A Unidade Mensal consiste num variado conjunto de atividades propostas pelo educador e, por vezes, sugeridas pelas crianças com a finalidade de trabalhar o tema referente ao mês em que se encontram no momento. Ou seja, todos os meses, em todas as salas do colégio se trabalhava para um mesmo tema, despertando a curiosidade das crianças e envolvendo-a nesse trabalho.

Muitas vezes é também pedido às famílias que participem e estimulem esta iniciativa. Era comum ver crianças chegarem às salas com livros ou objetos relacionados com os temas tratados.

Tendo em conta os fatores anteriormente mencionados e atendendo ao que foi proposto desenvolver, considerou-se a área do conhecimento do mundo como a área prioritária a trabalhar, não esquecendo, e porque se trata de um grupo Pré-Escolar, que a área das expressões estaria presente na maior parte das intervenções realizadas.

4.2 Enquadramento teórico da problemática/“Área do Conhecimento do Mundo”

A fim de contornar a situação descrita anteriormente e de proporcionar diferentes experiências aos meninos uma vez que “consentir diversidade de experiências às crianças é respeitar motivações e ritmos” (Oliveira-Formosinho & Andrade, 2011, p.41) neste sentido, falou-se com a educadora e acordou-se alterar a disposição da sala, assim como os elementos dos grupos, durante as sessões de intervenção realizadas pela educadora estagiária, com o intuito de proporcionar situações de aprendizagens diferentes. Oliveira-Formosinho & Andrade (2011) afirmam também que “a sala de atividades não tem um modelo único, tal como não tem uma organização totalmente fixa desde o início do ano letivo até ao seu final” (p.12). Desta forma, procurou-se que as crianças se conhecessem umas às outras, não só na forma de brincar como na forma de trabalhar, que aprendessem juntas, cooperassem, que se ajudassem, que trabalhassem a pares, em pequenos grupos ou em grupos maiores, que se aceitassem e aprendessem a respeitar as ideias dos outros. Isto porque “é nas relações sociais introduzidas pelo acto educativo que o indivíduo – criança, adolescente ou adulto – se descobre, evolui e se estrutura” (Oliveira-Formosinho & Andrade, 2011, p.27). No que respeita à organização da sala esta limita o educador quando este pensa nas atividades a serem lançadas ao grupo. Assim deve-se procurar/pesquisar formas de se adaptar o espaço conforme as atividades planificadas. A sala de aula é onde as crianças passam a maior parte do seu tempo, daí a importância da variedade de recursos e a forma como estes são aplicados, referindo novamente Oliveira-Formosinho & Andrade (2011) “a organização do espaço com os respetivos materiais visíveis, acessíveis e etiquetados é uma forma poderosíssima de passar mensagens implícitas à criança” (p.12) para que possam tornar cada dia um dia rico e diferente na vida de todas elas e isto acontecia na presente

instituição, todos os materiais das salas e até os dos corredores encontravam-se devidamente etiquetados.

Quanto à Unidade Mensal pensou-se desenvolver este módulo criando, consoante os temas, áreas onde as crianças pudessem brincar e explorar. Ou seja, trabalhar um tema e com ele construir um espaço feito maioritariamente pelas crianças. Aproveitando o facto de a instituição cooperante ser dotada de boas instalações, diverso material de expressão plástica e uma vez que se iria trabalhar para um espaço em que as crianças pudessem explorar e brincar (Área temática referente à Unidade Mensal) pensou-se num vasto conjunto de situações e técnicas de expressão para serem realizadas ao longo do período de estágio de intervenção.

4.3 Prática desenvolvida

Para que as intervenções decorressem sempre de forma a respeitar os objetivos das unidades temáticas propostas pelo colégio, foram realizadas reuniões com a educadora cooperante com o intuito de planear e discutir o que seria, ou não, pertinente concretizar com as crianças. Assim sendo, foram apresentados, numa primeira parte todas as unidades temáticas referentes aos meses do ano:

Janeiro – “Os cinco sentidos”

Fevereiro – “Animais da selva”

Março – “Meios de Comunicação”

Abril – “Primavera”

Maió – “Alimentação”

Junho – “Férias – O campo e a cidade”

Julho – Não há Projeto

Agosto – Colégio encerrado

Setembro – “O colégio”

Outubro – “Outono”

Novembro – “Natal”

Dezembro – “Natal”

Posteriormente, foram apresentadas as propostas à educadora cooperante que as aceitou, adaptando-as sempre que necessário. Note-se que apesar de os temas serem iguais para todas as salas do colégio, estes são adaptados à idade correspondente de cada sala. A título de exemplo, no mês de fevereiro, quando as crianças trabalharam os animais selvagens, os meninos das salas dos três anos trabalharam sobre os animais da

quinta, enquanto os meninos da sala dos quatro anos trabalharam os animais selvagens e os seus habitats. Isto não significa que não se pudesse falar de todos os animais, apenas era aprofundado mais uma das vertentes em cada faixa etária.

Foram realizadas 50 intervenções no decorrer do período de estágio, nessas intervenções foram trabalhadas as diferentes áreas de aprendizagem de acordo com a seguinte figura:

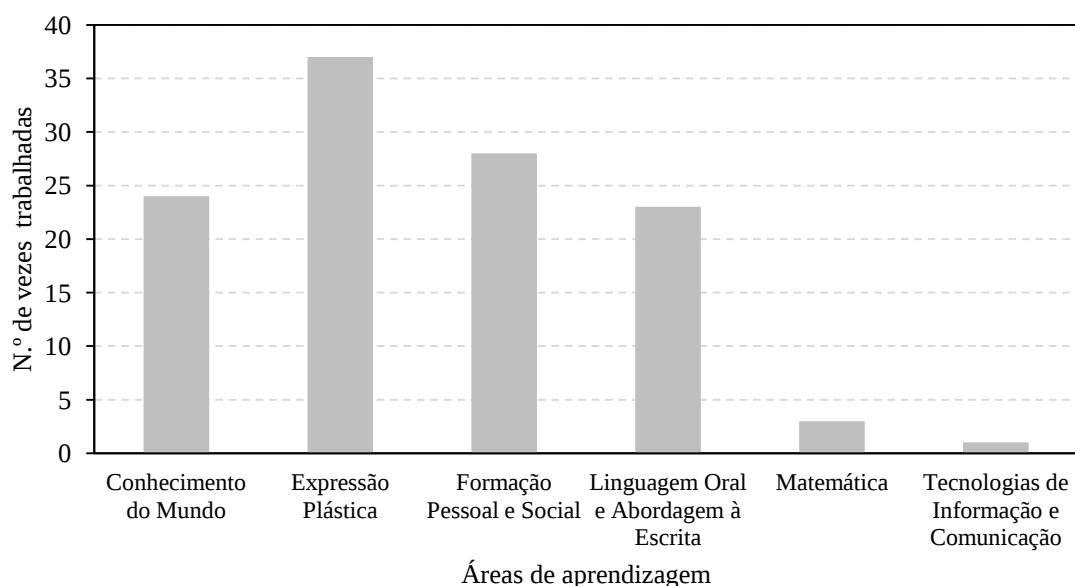


Figura 1 – Áreas de aprendizagem

A Figura 1 refere o número de vezes em que foram trabalhadas as áreas de aprendizagem durante as intervenções realizadas. Como se pode observar a área de aprendizagem mais trabalhada foi a área das Expressões, seguida das áreas: Formação Pessoal e Social, Conhecimento do Mundo, Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, Matemática e Tecnologias de Informação e Comunicação respetivamente. Note-se que numa atividade podem ser trabalhadas praticamente todas as áreas de aprendizagem, no entanto, nas planificações elaboradas apenas se apresentam as áreas que se definiram como objetivo principal a trabalhar naquele momento.

Como estratégia e seguindo a linha da educadora cooperante, optou-se sempre por, no início de cada sessão de intervenção, reunir o grande grupo sentado no chão em filas ou num semicírculo, com o intuito de conversar, propor as atividades preparadas anteriormente e combinar com as crianças aquilo que se iria realizar, aproveitando ainda para esclarecer qualquer dúvida sobre a atividade proposta. Era neste momento que as crianças aproveitavam para contar as novidades que queriam partilhar com os amigos, como o nascimento de um irmão, um sítio novo que visitaram no fim-de-semana, ou até

mesmo alguma curiosidade sobre o dia-a-dia que achassem interessante contar aos seus amigos. Para introduzir as atividades procurou-se, sempre que possível, fazê-lo com recurso a uma história, quer em livro, quer em imagens ou mesmo em formato digital. Procurou-se realizar atividades de carácter prático, para que as crianças se sentissem envolvidas e motivadas. Tendo as intervenções recaído principalmente para a criação de diferentes áreas temáticas foram várias as técnicas de pintura utilizadas na construção das mesmas. Para além da pintura com pincéis, lápis e canetas, as crianças realizaram pinturas com os dedos, com os pés, com balões, com cotonetes, com berlindes, com tinta guache e farinha, com cola branca e areia e digitinta.

Desde o final do mês de novembro até ao mês de junho foram realizadas diversas atividades (Anexo V). As crianças tiveram a oportunidade de conhecer e utilizar uma máquina de escrever, escreveram e ilustraram um livro para a biblioteca da sala, construíram uma maqueta dos diferentes habitats e os animais que neles habitam, realizaram criações com massa de modelar, pintaram gesso, cozinham ovos mexidos, pão com chouriço, salada de frutas, realizaram jogos sensoriais referentes a alguns dos cinco sentidos: o olfato, o tato e o paladar, pintaram o retrato dos amigos, fizeram um piquenique, realizaram jogos tradicionais, entre outras atividades. Para a realização destas atividades as crianças trabalharam também de diferentes formas com os seus colegas, em grande grupo, pequeno grupo, a pares e até individualmente. A organização da sala também foi alterada sempre que se achou pertinente, dispondo as mesas de diversas formas. Algumas atividades foram mesmo realizadas na rua.

A hora do recreio assim como a hora de almoço foi sempre acompanhada pela educadora estagiária, permitindo conhecer melhor cada criança, qual o seu comportamento em situação de recreio assim como o seu comportamento em relação às outras crianças da instituição. Foi ainda possível participar em momentos dos vários dias festivos e de uma visita de estudo realizada durante o ano letivo.

4.4 Atividades significativas em contexto de estágio

Durante o período de intervenção foram várias as atividades que foram sendo realizadas. Neste caso, e de acordo com a problemática escolhida, foram criadas diversas áreas temáticas como era a intenção inicial. Procurou-se sempre que as crianças participassem na construção das mesmas, pois o objetivo principal era que estas as explorassem e que nelas pudessem brincar. Para isso também teriam de as construir e participar em todo o seu progresso. Selecionou-se “A área da primavera” como a mais

significativa, pois foi durante a construção deste cantinho que se conseguiram trabalhar todas as áreas de aprendizagem assim como um vasto número de técnicas de pintura. Com “A área da primavera” realizaram-se diversas atividades como: o painel da primavera (Anexo VI) (onde as crianças pintaram com os dedos, com cotonetes, com balões, com tinta guache e farinhas, com pincéis e esponjaram); móveis de borboletas (Anexo VI); construiu-se uma horta onde se plantaram alfaces, pimentos, alho francês, couve portuguesa, couve brócolo, entre outros legumes (Anexo VI); fez-se digitinta ditada (leu-se um pequeno excerto para as crianças sobre a primavera, estas escutaram-no e no fim realizaram a sua criação segundo o que se lembravam ou o que mais tinham gostado) (Anexo VI); trabalhou-se as sílabas com a história “Quem dá um abraço ao Martim?” (Anexo VI) e ainda aprenderam a jogar *sudoku* com figuras geométricas (uma vez que estas também eram parte integrante do projeto para este mês) (Anexo VI).

Como atividade a explicitar mais em pormenor sobre “A área da primavera”, escolheu-se a atividade denominada de “A Sementinha”. Esta atividade surgiu como introdução à atividade que foi realizada no dia seguinte, a construção da horta, para que as crianças entendessem o processo de crescimento de uma planta. O objetivo central desta atividade, como está descrito na planificação diária (Anexo VII) e nas metas de aprendizagem era conhecer o processo de germinação e distinguir as diferentes partes de uma planta.

Começou por se reunir o grupo pedindo às crianças que se sentassem em filas. A história (Anexo VIII) foi apresentada em vários cartões contendo apenas a ilustração. Sendo assim, a história foi contada recorrendo às ilustrações e dando entoação às vozes das diferentes personagens. Seguida a leitura da história, foram sendo feitas perguntas às crianças de forma a fazer o reconto da mesma, sempre que foi preciso recorreu-se aos cartões para relembrar o seguimento da história. Posto isto, foi dito ao grupo que existiam quatro cartões da história que indicavam momentos muito importantes. Esses quatro cartões foram colocados, por ordem, no quadro, de forma a que todas as crianças os conseguissem ver. Estes diziam respeito às fases principais do crescimento da planta representada na história. Foi sendo pedido aos meninos que identificassem então o que estava a acontecer em cada imagem. Na primeira imagem, o menino está a enterrar uma semente; na segunda imagem, está a chover e começam a crescer raízes à sementinha (germinação); na terceira imagem, cresce um caule e algumas folhas e na quarta imagem, a planta aumenta de tamanho e nascem alguns frutos. Depois de se identificarem estas fases (e o que nelas aconteciam), perguntou-se várias vezes a

algumas das crianças, com o intuito de perceber se os meninos estavam a compreender as quatro fases que se pretendiam explorar. Depois de se assegurar que a maioria das crianças tinha compreendido, lançou-se a proposta de ilustrar essas mesmas fases. Apresentou-se então uma folha A4 dividida em quatro e explicou-se que os meninos teriam de desenhar, pela ordem correta, as fases do crescimento da planta, referidas anteriormente, alertando os meninos para que começassem as ilustrações da esquerda para a direita e depois para baixo (apontando com o dedo). Posto isto, pediu-se às crianças que se sentassem nas respetivas equipas (onde já se encontravam as folhas), para dar início à atividade. Para aquelas crianças que continuavam sem perceber onde começavam a desenhar e qual a direção seguir, foram enumerados os retângulos de forma a guiá-las.

Por fim, e depois de observar todos os trabalhos (Anexo IX) pode-se concluir que o objetivo central foi atingido, pois as crianças apresentaram ilustrações com pormenores do crescimento da planta e das suas partes constituintes. Como método de avaliação optou-se pela observação direta com o registo numa lista de verificação (Anexo X).

5. Avaliação

5.1 Avaliação do grupo

No decorrer do período de intervenção foi possível observar e acompanhar o crescimento do grupo como um todo assim como de cada criança individualmente. Logo de início descobriu-se um grupo simpático, acolhedor, divertido e trabalhador. Em todas as atividades as crianças mostraram sempre curiosidade e vontade em realizá-las. Mesmo quando as atividades não eram terminadas no tempo de sala, os meninos não se importavam de perder um pouco do seu recreio para as terminarem em sala de aula. Assim como a educadora, optou-se por reunir o grande grupo, no início de cada intervenção, para conversar sobre o que se iria passar ou para contar histórias que tivessem que ver com o tema a trabalhar.

Houve sempre uma preocupação em melhorar a comunicação, quando se falava em grande grupo, considerando os estágios de desenvolvimento cognitivo de Piaget, no Pensamento Intuitivo ou Pré Operatório – dos dois aos sete anos de idade:

este é o período em que as crianças estão mais abertas à aprendizagem da língua, os adultos que falam muito com as crianças, lhes lêem e ensinam canções e poemas infantis – por outras palavras, que usam a linguagem para comunicar com elas – têm um efeito marcante no seu desenvolvimento linguístico (Sprinthall&Sprinthall, 1993, p.106).

Assim sendo, este era um período em que conseguíamos perceber a capacidade de expressão oral de cada criança. Era também nestes momentos que podíamos analisar, com maior precisão, se havia uma compreensão/interpretação dos textos lidos assim como daquilo que era dito oralmente. Neste aspeto, o grupo manteve-se maioritariamente ao mesmo nível, à exceção de dois alunos que não deixaram de adotar certos termos infantis. No entanto, a compreensão a nível do que é dito/contado oralmente foi positiva. Ao longo do ano letivo, foi ainda possível às crianças aprenderem as letras do alfabeto e escreverem o seu nome. Todos aprenderam a escrever o seu nome a letra cursiva e a maioria reconheceu e nomeou as letras do alfabeto.

Uma das lacunas verificadas poucos meses após o início do estágio foi em relação à motricidade fina, pois os meninos não sabiam recortar, nem agarrar bem na tesoura de forma a fazê-lo. No entanto, isto foi trabalhado durante os meses seguintes, e posteriormente as crianças passaram a recortar relativamente bem, tendo em conta que o

tinham aprendido há pouco tempo. Foi-se assim trabalhando a fim de desenvolver a motricidade fina. Os meninos souberam usar bem os pincéis, canetas, lápis, e elaboram atividades que exigiam o manuseamento minucioso de objetos. A nível das relações criança-criança e criança-adulto, estas decorreram com normalidade e sem problemas. Não houve conflitos entre os meninos, mesmo com as crianças das outras salas e os adultos são sempre bem recebidos pelas crianças. No recreio, as meninas brincavam mais com as meninas, e os rapazes com os rapazes. No que respeita ao trabalho de sala, as crianças trabalharam sempre bem mostrando interesse pelas atividades e vontade de as fazer bem.

As rotinas do dia-a-dia eram algo a que todos os meninos já estavam habituados quando chegámos ao colégio. Mesmo assim, e apesar de ter sido bastante trabalhado, há aspetos a nível da autonomia que precisam de continuar a ser estimulados em algumas crianças, como por exemplo na hora da refeição

Para fazer uma avaliação justa das atividades realizadas em sala de aula, optou-se por realizar listas de verificação e preenche-las segundo as observações diretas que foram sendo feitas ao longo das intervenções. A autoavaliação por parte das crianças “entendida como capacidade metacognitiva, propiciadora da aprendizagem da autonomia e da emancipação” (Leite, Gomes e Fernandes, 2003, p.56) foi sempre feita oralmente, perguntando se tinham gostado das atividades e o que achavam do seu trabalho e, por vezes, sugerindo diferentes atividades.

5.2 Reflexão

A partir do primeiro dia sentiu-se que as educadoras estagiárias faziam parte da equipa integrante da instituição, desde a coordenadora às educadoras e auxiliares, todas se mostraram disponíveis para ajudar e ensinar. O facto de existirem várias salas, com diferentes adultos responsáveis, poderia levar a que cada sala trabalhasse por si e não houvesse interação entre os adultos e as crianças de outras salas, no entanto isso não acontecia. O colégio funcionava como uma família e a preocupação que as educadoras e auxiliares tinham com as “suas” crianças era a mesma que tinham com as das outras salas. Essa postura passou também para as estagiárias, a atenção e educação não é dada apenas aos alunos das respetivas salas mas sim a todos os que pertencem à instituição.

O grupo de crianças demonstrou um comportamento igualmente caloroso. Depressa se começou a trabalhar como sendo parte da equipa. As crianças mostraram sempre uma atitude interessada e empenhada perante as tarefas propostas. Todas as

semanas mostravam-se curiosas sobre o que se iria trabalhar naqueles dias, o que sem dúvida foi um fator motivador para trabalhar mais e melhor. A altura de contar histórias era igualmente prazerosa, os meninos faziam silêncio, escutavam e gostavam de comentar e falar sobre a mesma. No geral, era um grupo trabalhador e divertido, pois o sentido de humor e a boa disposição era algo que se destacava desde as crianças aos adultos da sala. Nas atividades realizadas foram sempre seguidos os temas que estavam a ser explorados, nas diferentes alturas, pelo colégio. Em relação às competências previstas ao longo das planificações assim como as atividades definidas foram, na maioria das vezes, trabalhadas e continuadas pela educadora cooperante. O que se considera muito importante, pois acredita-se que um educador estagiário ao começar a fazer parte do dia-a-dia de uma sala deve continuar os projetos da mesma e vice-versa evitando quebras no ritmo de aprendizagem. No que respeita à diversidade de formas de como se trabalhou, colocar as crianças a trabalhar em diferentes grupos e mudando a disposição da sala, foi algo que aconteceu, mas não com a frequência pensada inicialmente, pois se as crianças trabalhavam produtivamente nos grupos em que se encontravam, não se justificava alterar essa realidade a não ser quando as atividades assim o exigiam. Observar e refletir foram sem dúvida as ferramentas essenciais durante todo o processo de observação e participação na prática pedagógica, considerando que:

a reflexão, como a capacidade de se voltar sobre si mesmo, sobre as construções sociais, sobre as intenções, representações e estratégias de intervenção, supõe a inevitabilidade de utilizar o conhecimento à medida que vai sendo produzido, para enriquecer e modificar a realidade e suas representações, as próprias intenções e o próprio processo de conhecer (Júnior, 2010, p.580).

Desta forma, sempre que ocorria algo inesperado durante a prática, ou se verificava que existiam dificuldades na prossecução das tarefas inicialmente planeadas, procediam-se às alterações necessárias e pertinentes para o momento.

Concluindo, o balanço final é bastante positivo. Durante o período de estágio na valência de Pré-Escolar foi possível aprender muito, observando a relação adulto-criança, criança-criança; as brincadeiras; os momentos de leitura e escrita; a hora do almoço e recreio. Em relação às técnicas de pintura foi também uma área onde se reuniu um conjunto vasto de novas aprendizagens, tendo a oportunidade de poder colocar algumas em prática no decorrer das intervenções. Contar histórias e o à-vontade em falar com o grande grupo, foi um aspeto em que se sentiu uma grande melhoria com o decorrer do tempo. Por fim, e para que tudo se desenrolasse de forma positiva, o papel da educadora cooperante e da auxiliar da sala foi essencial. As duas mostraram-se

sempre disponíveis para ajudar, ensinar e criticar construtivamente todo o trabalho desenvolvido ao longo do ano. Foi dado espaço e tempo para experimentar, errar, alterar, aprender e sem dúvida que este fator ajudou no crescimento pessoal e profissional da educadora estagiária.

6. Contextualização da intervenção no nível do 1.ºCEB

6.1 Caracterização do Meio envolvente

O colégio de São Tomás situa-se na freguesia do Lumiar, concelho de Telheiras, tal como a instituição referente ao primeiro estágio, na valência de Pré-Escolar, descrita anteriormente. Desta forma, a caracterização relativamente ao meio envolvente será a mesma. Ambas as instituições situavam-se numa zona residencial e acolhem, na sua maioria, crianças da zona de Lisboa.

6.2 Caracterização da Instituição

Sendo que a vida escolar ocupa grande parte do dia das crianças é importante que no seu seio existam condições quer físicas quer humanísticas que suportem todas as possíveis carências que vão surgindo no dia-a-dia, pois “um ambiente facilitador da aprendizagem pressupõe uma atmosfera e um meio favorecedor, no qual a qualidade das relações interpessoais é considerada o principal factor” (Vieira, 2000, p.39).

Para a realização desta caracterização foi importante a pesquisa na página oficial do estabelecimento e tendo em conta, alguns aspetos descritos na ficha da escola elaborada com base no manual de Estrela (1994), assim como no Projeto Educativo e Regulamento Interno da instituição cooperante. Segundo o Projeto Educativo o Colégio de São Tomás:

nasce de uma experiência de amizade entre adultos, convictos de que a hipótese de significado da vida que encontraram no cristianismo é verdadeira, valendo, por isso, a pena passá-la às gerações dos seus filhos, para que possa ser verificada por eles e por eles ser desenvolvida.

O colégio de São Tomás é uma instituição privada de solidariedade social (IPSS) fundada em 2003 pela APECEF - Associação para a Educação, Cultura e Formação. Este conta com três colégios, um em Sete Rios, um na Quinta das Conchas (desde 2006) e o mais recente o colégio do Ramalhão (desde o presente ano letivo - As Irmãs Dominicanas de Santa Catarina de Sena, proprietárias do Colégio de S. José, propuseram à APECEF, proprietária do Colégio de S. Tomás em Lisboa, a cessão de exploração do Colégio de S. José- Ramalhão) (Anexo XI). O estágio decorreu no colégio situado na Quinta das Conchas onde se pode encontrar as vertentes do ensino Pré-Escolar, 1.º, 2.º, 3.º CEB e Secundário. Como é referido no Regulamento Interno anteriormente referido, a direção do colégio é constituída por um presidente, um

administrador financeiro e administrativo delegado, um diretor pedagógico de cada ciclo e um diretor adjunto.

O colégio onde decorreu o estágio, na Quinta das Conchas e sendo uma criação recente, oferece a todos os seus alunos e agentes educativos instalações novas e adequadas assim como todo o restante equipamento.

A Proposta Educativa referente ao 1.ºCEB, como podemos encontrar na página oficial do colégio, está organizada nas seguintes Unidades de Aprendizagem:

- 1.º Ano – Tudo me foi dado
- 2.º Ano – Tudo é belo
- 3.º Ano – Tudo fala de um mistério
- 4.º Ano – Fui chamado a ser grande

Implementando assim:

- O desenvolvimento de um currículo que favorece o conhecimento profundo das matérias através de várias perspectivas de aprendizagem e do desafio à construção crítica por parte de cada aluno;

- A catequese como formação estruturante da pessoa;

- O uso de tecnologias adequadas a um tratamento actual de todos os assuntos;

- A cultivo das artes plásticas, da música e do drama como factor essencial ao desenvolvimento da personalidade;

- A educação física como ocasião de desenvolvimento das capacidades físicas e sociais da criança³.

O colégio proporciona também aos seus alunos, aulas diárias de língua inglesa por professores de língua materna Inglesa com o intuito de que todos os formandos obtenham fluência falada e escrita nesta língua.

O método de iniciação à leitura é dado recorrendo à Cartilha de São Tomás, adaptada da Cartilha Maternal de 1876 de João de Deus, este é um método que “acentua o aspecto da compreensão, salienta as funções da memória, da atenção e do processamento mental da informação durante a leitura”⁴.

No que respeita ao ensino da matemática, desde o Pré-Esclolar, que as crianças desta instituição têm contacto com o método de Singapura (Anexo XII). Este é apresentado às crianças mais pequenas através de imagens apelativas que as levam a

³ Dados retirados da página oficial do colégio. In <http://connectnegocios.com/cst/>

⁴ In <http://www.joaodeus.com/associacao/detalhe.asp?id=7>

pensar e ao mesmo tempo a melhorar o discurso oral usando uma linguagem matemática, sempre com o acompanhamento do educador (Anexo XII). No 1.ºCEB, os exercícios são expostos de forma orientada e apelativa, existindo sempre uma sequência concreta em cada etapa que prepara a criança para o passo seguinte. Os números e os algoritmos são acompanhados de esquemas para posteriormente, quando lhes forem apresentados problemas, seja feito o caminho inverso: partindo do esquemático para o abstrato (Anexo XII).

Quanto aos recursos humanos, o 1.ºCEB conta com o número de pessoas adequado para as necessidades, possui professores titulares, professores de inglês, professores de artes e profissionais técnicos de limpeza que permitem o seu bom funcionamento. Os alunos podem ainda escolher participar em diversas atividades como aulas de guitarra e violino, aulas essas que decorrem nos intervalos da hora do almoço.

6.3 Caracterização da Sala

Através das observações realizadas nas primeiras semanas de estágio e conversas informais com a professora cooperante, foi possível verificar vários aspetos físicos e rotinas implementadas na sala da turma do 3.º.C. Procurou-se ter em conta os vários aspetos descritos na Ficha de caracterização da turma, realizada com base no exemplar de Estrela (1994), seguindo-se a observação, pois segundo o mesmo autor a “identificação das principais variáveis em jogo e a análise das suas interações permitirão a escolha das estratégias adequadas à prossecução dos objectivos visados”(p.128). Construiu-se também a planta da sala de aula (Anexo XIII) com a finalidade de ajudar a compreender o espaço onde os alunos realizam as suas atividades diárias.

A sala é retangular, possui um cacifo para cada aluno, assim como outras salas da instituição, a parede paralela à parede do quadro contém um placar do tamanho da mesma que se divide em três áreas: Matemática, Estudo do Meio e Português, e aqui ficam expostos alguns dos trabalhos realizados pelas crianças ao longo do período correspondente. Deste modo, e apesar de as crianças trabalharem sempre nas suas respetivas carteiras admite-se que este “cenário pedagógico consiste na organização do material pedagógico em áreas de trabalho, de maneira a que tudo se relacione com cada uma das áreas ao alcance de todos num determinado espaço, devidamente identificado” (Santana, 2000). A sala é dotada de grandes janelas que facilitam a entrada de luz

natural, sendo necessário o recurso a luz artificial apenas em dias nublados. O material encontra-se todo em ótimo estado. Existem dois quadros, um branco (para ser escrito com caneta) e um de ardósia (para ser escrito a giz) e ainda uma pequena biblioteca, que se encontra ao fundo da sala e que pode ser usada pelos alunos sempre que for pertinente.

A turma que ocupa esta sala é composta por 24 alunos, 15 meninos e 9 meninas, que se distribuem pela sala em três filas de mesas individuais, os lugares de cada aluno foram escolhidos pela professora onde na primeira fila se encontram os alunos que têm dificuldades de nível visual.

A professora procura cumprir o horário estabelecido no início do ano (Anexo XIV) assim como seguir o plano semanal das três disciplinas (Português, Matemática e Estudo do Meio) que é elaborado sempre em conjunto com todos os professores do mesmo ano de estudo. Desta forma, a professora procura lecionar a Matemática e o Português na parte da manhã e o Estudo do Meio na parte da tarde pois, segundo esta, de manhã os alunos encontram-se mais calmos e predispostos a aprender. Todas as segundas-feiras, no início da aula é realizado um ditado com preparação (o texto é conhecido pelos alunos e a intenção é que estes o trabalhem no sentido de não cometerem erros na altura da avaliação) e às quartas-feiras, um ditado sem preparação (o texto é desconhecido pelos alunos). A segunda-feira é o dia em que se introduz um novo texto que é trabalhado o resto da semana. À terça-feira todas as crianças do colégio reúnem-se para a Assembleia (momento dirigido pelo Padre R., este é um espaço de reflexão, música e histórias relacionadas com a vida cristã). Todos os dias da semana, à exceção da quarta-feira, são dias de levar trabalhos para casa. Os alunos usufruem ainda de aulas de inglês quatro vezes por semana; educação física duas vezes por semana; música, artes e catequese uma vez por semana; todas lecionadas por profissionais das respetivas áreas.

No que respeita Plano Curricular de Turma, a professora titular comunicou que este é terminado no decorrer no 1.º período, tendo como tema “As regiões”, tema comum aos terceiros anos.

6.4 Caracterização do grupo

Conhecer cada criança é fundamental para uma relação securizante, “saber quais são as etapas cognitivas e afetivas do aluno, para lhe prestar uma ajuda personalizada (...) não se trata de um simples apoio técnico (...) trata-se sim de agarrar a pessoa na sua origem para caminhar com ela” (Postic, 2008, p.167). Deste modo, compreender e reconhecer as necessidades do grupo e de cada um individualmente, leva o educador/professor a perceber quando algo não está bem e poder intervir, assim como quando existem outras dificuldades criar um conjunto de estratégias de forma a superá-las. Neste sentido,

ao docente cabe o papel de organizar as situações de aprendizagem, observar os comportamentos de cada aluno face à tarefa, os comportamentos relacionais, de cooperação, de conflito, entre os alunos, e ajustar as suas intervenções às necessidades que são manifestadas (Postic, 2008, 165).

A turma do 3.ºC é constituída por 24 crianças, das quais 15 são do género masculino e nove do género feminino. Os meninos têm, na maioria, oito anos de idade, sendo que nesta turma existem três crianças mais velhas com Necessidades Educativas Especiais. Este grupo está junto há três anos e é seguido pela mesma professora desde então. No que respeita às relações adulto-criança e criança-criança consideram-se positivas, pois com base no quadro preenchido pela professora titular (Anexo XV), a relação que as crianças têm umas com as outras é muito boa. Brincam juntos no recreio, rapazes e raparigas e mesmo entre turmas de outros anos. Em sala de aula, professora e alunos dão-se bem e têm por hábito partilhar acontecimentos do dia-a-dia.

Apesar de a turma acolher 24 crianças, apenas 21 frequentam as aulas com a professora titular. As restantes três crianças estão referenciadas como alunos com Necessidades Educativas Especiais e por isso têm apoio individualizado com profissionais adequados para cada caso.

O Português é uma área bastante trabalhada pela professora titular. Os alunos estudam textos com vocabulário complexo, fazem inúmeros exercícios de gramática e ortografia, ditados e propostas dos mesmos. A professora incentiva também a leitura de livros escolhidos pelos alunos em sala de aula. Sempre que estejam num momento de trabalho individual e um aluno acabe o seu, pode seguir com a leitura de um livro, à sua escolha, que tenha na sua secretária sem pedir autorização. Logo que a professora dê continuidade à aula o aluno sabe que deve arrumar o seu livro em silêncio e direcionar a sua atenção para o que será dito. Em relação à leitura em voz alta, pôde-se observar que,

na maioria, os alunos leem de forma fluente e segura, sendo que os que apresentam mais dificuldades são aqueles a que foram detetados disgrafia e disortografia.

À área da Matemática é despendido o mesmo tempo e dedicação que a área do Português. No 1º.CEB desta instituição adota-se o método de Singapura, como já foi referido, este método é trabalhado desde o Pré-Escolar (aqueles que frequentaram o Pré-Escolar da mesma instituição). Os alunos mostram bastante à vontade nesta disciplina não aparentando dificuldades que justificassem uma intervenção direcionada para esta área.

No que respeita ao Estudo do Meio, esta é uma área em que não foram detetadas dificuldades específicas, no entanto é muito pouco trabalhada, pois a professora titular considera as duas primeiras áreas mencionadas mais importantes para o currículo dos alunos e desta forma, acaba por adiar o ensino das ciências para uma ou duas tardes por semana.

7. Perspetivas Educacionais/Objetivos

Após vários dias de observação, foi possível reunir um conjunto de dados acerca da instituição cooperante, assim como das crianças que nela estudam. O colégio era dotado de ótimas instalações quer interiores, quer exteriores. A sala onde decorria o estágio tinha uma boa área e privilegiava de luz natural graças a janelas de grande estrutura. Possuía uma pequena biblioteca, organizada pelos alunos e pela professora titular, e um enorme placar dividido por áreas para exposição de trabalhos dos alunos.

Foi também possível observar as rotinas de sala e relações que nela se estabeleciam. Constatou-se que os alunos trabalhavam essencialmente de forma individual, o trabalho em grupo ou a pares não era fomentado pela professora, no entanto este fator parecia não afetar de forma negativa a relação aluno-aluno. Às segundas e quartas-feiras, no início da aula, era feito um ditado. O primeiro ditado era preparado, pois o texto era do conhecimento dos alunos, no segundo não se verificava nenhum tipo de preparação. À segunda-feira era lançado um texto que seria trabalhado pelos restantes dias da semana. Note-se que estes textos eram sempre de nível avançado, constituídos por um conjunto de vocábulos novos para os alunos, isto acontecia propositadamente para que os alunos alargassem o seu campo lexical. O Português e a Matemática eram as áreas mais trabalhadas pela professora titular, dada a importância das mesmas para o sucesso dos anos seguintes.

Desta forma, decidiu-se dar continuidade às rotinas existentes na turma e intervir, sempre que possível, de acordo com a Planificação Curricular Anual [PCA] (Anexo XVI). Apesar de não terem ocorrido intervenções em todos os dias da semana, os ditados ficaram sempre a cargo da professora estagiária. A fim de fomentar o trabalho de equipa, criar laços de entreajuda e promover a partilha perspetivou-se que o grupo trabalhasse a “Cooperação e o Estudo do Meio”. A cooperação porque se observou que o trabalho em sala era sobretudo individual e autónomo. Quanto ao Estudo do Meio, percebeu-se que de todas as áreas de conteúdo, esta era a menos trabalhada pela professora cooperante.

Definiram-se assim dois objetivos, considerando a problemática escolhida:

- Partilhar e comunicar entre pares;
- Investigar, explorar e experimentar com o Estudo do Meio.

Segundo Resendes & Soares (2002):

os alunos aprendem melhor quando o professor toma em consideração as características próprias de cada um, visto que cada indivíduo possui pontos fortes, interesses, necessidades e estilos de aprendizagem diferentes. Todos os alunos aprendem melhor quando os professores respeitam a individualidade de cada um e ensinam de acordo com as suas diferenças (p.20).

Deste modo, enquanto estagiários e futuros profissionais julga-se que se deve sempre ter em mente que à nossa frente estão pessoas diferentes. E que estas pessoas têm personalidades diferentes, tempos de aprendizagem diferentes, experiências de vida diferentes e que, por isso, interpretam a realidade de uma forma distinta. No entanto, os conteúdos que um professor tem de ensinar são os mesmos para todos e é este o maior desafio de um professor, uma vez que conhecer e “saber os pontos fortes e fracos dos alunos ajuda a ultrapassar bloqueios e a escolher estratégias pedagógicas adequadas” (Resendes & Soares, 2002, p.23). Conseguir que todos os seus alunos atinjam o sucesso escolar, adaptando as suas aulas sempre que necessário, nunca esquecendo de que o professor é um exemplo para os seus alunos e que a marca que deixar neles pode afetar o seu carácter futuro, pois segundo Vieira (2000) o bom professor é aquele que é humano, justo, simpático e que cria empatia com os seus alunos.

8. Intervenção

8.1 “Cooperação e o Estudo do Meio”/“Competências Sociais e Estudo do Meio”

Após alguns dias de observação participante e depois de tomar conhecimento das rotinas implementadas na sala de aula surgiu a necessidade de encontrar uma área prioritária a trabalhar.

Deste modo, decidiu-se trabalhar com a turma a nível das competências sociais e da área do Estudo do Meio. No que concerne às competências sociais, verificou-se que o trabalho em equipa e a entreajuda não existia, pelo contrário, era frequente existirem as “queixinhas” sobre os trabalhos dos colegas e a maneira como estes eram feitos de forma pejorativa. No entanto, isto parecia não afetar as brincadeiras de recreio entre os alunos. O trabalho em sala de aula era essencialmente individual. A professora, numa primeira fase, lançava a matéria e posteriormente esta era consolidada com exercícios. A sua correção era feita, na maioria das vezes, em voz alta com a participação dos alunos, de forma voluntária ou quando solicitada pela professora. Os alunos estavam habituados a esta rotina, o que levou a adotar a mesma estratégia, na maioria das intervenções. Contudo procurou-se também que fossem os alunos a perspetivar aquilo que iriam aprender, despertando a curiosidade e a vontade de saber, não desvendado de imediato o que se iria passar depois. Note-se que é importante que o aluno esteja habituado a trabalhar de forma individual, o aprender a estudar sozinho e a selecionar informações pertinentes é muito importante para o seu futuro académico. Porém no seu futuro profissional é quase certo que este não venha a trabalhar sozinho, daí a importância de saber partilhar, respeitar a opinião dos outros, o trabalho dos outros e dividir tarefas a fim de realizar tarefas bem-sucedidas.

Em relação ao Estudo do Meio e uma vez que esta era a menos trabalhada pela professora cooperante, achou-se importante enveredar por este caminho, pois considera-se uma área importante, uma vez que está ligada diretamente às vivências pessoais dos alunos. Tudo o que existe no meio pode ser alvo da atenção das crianças. Desde pequenas que aprendem a explorar o mundo à sua volta, as cores, as formas, os cheiros e mais tarde o porquê e como acontecem as coisas. Como afirma Reis (2008) sobre a educação em ciências nas primeiras idades, “as crianças são “cientistas activos” que

procuram, constantemente, satisfazer a sua insaciável curiosidade sobre o mundo que as rodeia”(p.16). Assim, acredita-se que é mais fácil envolver o aluno nas restantes áreas de aprendizagem. Não menosprezando a importância da área do Português e da Matemática, relativamente à área do Estudo do Meio, pensa-se que a esta última tem mérito próprio.

Por estas razões, procurou-se trabalhar estas duas vertentes dentro do tempo que foi disponibilizado, os conteúdos que se pretendiam lecionar semana a semana e dada a sua importância para o aluno enquanto futuro cidadão.

8.2 Enquadramento teórico da problemática/“Competências Sociais e Estudo do Meio”

Tendo em conta todos os fatores referidos no ponto anterior e atribuindo uma grande importância ao trabalho de pares/grupo (trabalho esse que não era feito em sala), considerou-se importante que a área de intervenção em contexto de estágio incidisse sobre dois pontos: a cooperação pois segundo Johnson, Johnson e Holubec (1999) esta ajuda a elevar o rendimento de todos os que aprendem num projeto, ajuda a estabelecer relações positivas entre os intervenientes, valorizando a diversidade. Proporciona ainda as experiências necessárias para que se possa atingir um saudável desenvolvimento social, psicológico e cognitivo; e o ensino das ciências despertando a curiosidade do discente para:

o mundo, para a diversidade da realidade física e social, para a riqueza de conhecimentos e experiências que possam fazer «crescer» no aluno a compreensão do mundo em que vive e a que pertence, ampliar as suas experiências e diversificar o seu universo de referências (Roldão, 2004, p.16).

Roldão (2004) afirma ainda que a importância de estudar o meio prende-se com a “necessidade de consciencializar a criança acerca da realidade em que vive, preparando-a para compreender e intervir nessa realidade”(p.27). Desta forma, procurou-se fomentar nos alunos o espírito de trabalho de equipa, de colaboração, partilha e auxílio, assim como incentivar à pesquisa e experimentação do meio e da natureza. Assim, o aluno é levado a pensar no que sabe e confrontá-lo com a realidade, de forma a despertar nele curiosidade e espírito crítico, ou seja proporcionar uma educação científica que lhe permita adquirir a compreensão dos fenómenos e acontecimentos que compõem o mundo físico e social do qual faz parte (Pereira, 1992).

8.3 Prática desenvolvida

A prática desenvolvida ao longo do período de intervenção foi criada e organizada segundo a PCA (Anexo XVI) referente ao 3.º ano da instituição, pois tratando-se de um nível de 1.º CEB, não se podia fazer alterações em relação aos conteúdos programados. Assim sendo, seguiu-se a PCA e as indicações da professora cooperante para planificar as aulas. Por variadas razões ocorreram algumas modificações no que respeita às semanas, mas no geral a PCA foi seguida/cumprida.

Ao todo foram realizadas 19 intervenções. Note-se que mesmo durante o período de observação participante realizaram-se também pequenas intervenções, como os ditados, correções de trabalhos de casa, e outras situações pontuais sugeridas pela professora cooperante. Assim como correções dos manuais dos alunos, dos cadernos, de fichas de trabalho e propostas de textos elaboradas pelos mesmos.

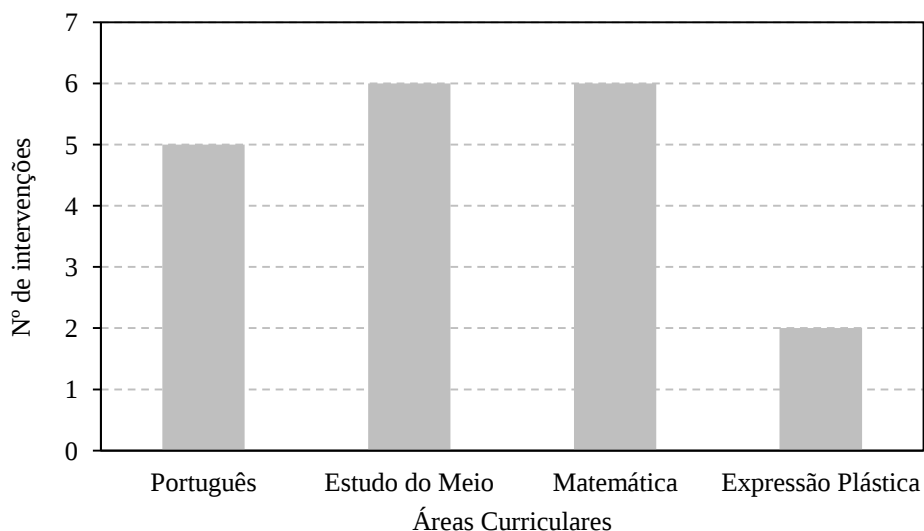


Figura 2 – Intervenções Realizadas no nível do 1.º CEB

Como se pode observar na Figura 2 as áreas curriculares mais trabalhadas ao longo do período de estágio foram a área do Estudo do Meio e a área da Matemática, com seis intervenções cada. Segue-se o Português com cinco intervenções realizadas e por último, a área da Expressão Plástica. É de referir que esta última foi trabalhada ocasionalmente, pois não é um objetivo do colégio que os professores de 1.º CEB explorem muito esta área, uma vez que os alunos usufruem, todas as semanas, de aulas de artes lecionadas por profissionais da área.

Para as intervenções em Matemática e Português foram utilizadas, na maioria das vezes, fichas de trabalho com o intuito de consolidar aprendizagens ou de fazer revisões

de matéria lecionada anteriormente. Houve ainda a oportunidade de, com a turma, elaborar textos coletivos e realizar aperfeiçoamento de textos, também estes escritos pelos alunos, uma vez que “a interação entre as crianças a propósito da escrita (...) ajuda a clarificar as ideias, possibilita a troca de pontos de vista e leva a um maior controlo dos aspectos de realização da escrita das crianças” (Martins & Niza, 1998, p.178). Quanto à intervenção na área do Estudo do Meio conseguiu-se trabalhá-la de uma forma mais prática, uma vez que se tinha a oportunidade de introduzir novos conteúdos, foi possível envolver os alunos de forma a que estes perspetivassem o que iriam aprender e realizassem atividades diferentes das que estavam habituados no seu dia-a-dia. Recorreu-se várias vezes à exposição e observação de imagens, sobre os assuntos a tratar, como introdução. Os alunos lançavam as suas ideias e respondiam a algumas questões que os levavam até ao tema principal que se pretendia trabalhar no momento.

No que concerne à cooperação, tentou-se sempre que possível fomentá-la, em situações do dia-a-dia, nos intervalos e em algumas intervenções que irão ser descritas no subcapítulo seguinte. Era um objetivo trabalhar em maior número a área do Estudo do Meio, mas não foi possível dado que existia um programa a cumprir. No entanto, considera-se que as intervenções realizadas nesta mesma área foram bastante positivas, pois os alunos mostraram-se bastante motivados e entusiasmados perante atividades distintas das da sua rotina diária.

Como complemento da prática educativa os alunos foram sempre acompanhados durante a hora de almoço e durante os intervalos, pois crê-se que para um professor é também importante conhecer cada aluno em diferentes contextos que não o da sala de aula, observando as suas brincadeiras e a forma como lida com os colegas, a fim de os conhecer melhor.

8.4 Atividades mais significativas em contexto de estágio

Foram várias as atividades realizadas durante o período de intervenção, importa então referir algumas que tenham sido significativas do ponto de vista da concretização dos objetivos propostos inicialmente. Destacam-se assim duas atividades ligadas à área do Estudo do Meio, onde se procurou proporcionar aos alunos diferentes modos de aprendizagem, levando-os a explorar, a selecionar informação, a pensar criticamente e a criarem as suas próprias conclusões acerca dos assuntos tratados.

Segundo Caraça (2007) no que respeita ao ensino das ciências “é tão importante transmitir a informação, como ensinar a maneira, o método, como essa informação foi obtida” (p.35-36). Desta forma, com a primeira atividade referente ao ciclo da água pretendia-se, como está descrito nas metas curriculares para o ensino básico de Estudo do Meio, realizar experiências que representassem fenómenos de: evaporação, condensação e precipitação, mas sobretudo proporcionar aos alunos uma aula de trabalho prático. Para além da planificação diária (Anexo XVII) elaborou-se um protocolo que os alunos pudessem seguir durante o trabalho laboratorial, trabalho este que envolve a manipulação de materiais de laboratório, ou outros semelhantes, sem que sejam necessárias condições especiais de segurança para a realização do mesmo (Leite, 2000). O protocolo encontrava-se dividido em três partes, cada uma com uma atividade diferente, a primeira de carácter experimental que segundo Santos (2002) é um trabalho “baseado na experiência, no acto ou efeito de experimentar, ou no conhecimento adquirido pela prática. Experimentar é pôr em prática, ensaiar, avaliar ou apreciar por experiência própria”(p.38), que envolvia o controlo e manipulação das variáveis: quantidade de gelo, os recipientes e o volume de água (Leite, 2000). As duas últimas atividades foram consideradas atividades de carácter laboratorial. Para as três atividades foram feitas leituras em voz alta, por parte da professora estagiária, que de seguida solicitou a ajuda de um aluno para ajudar durante o procedimento de cada atividade. Esse aluno ficou encarregue de observar de perto que mudanças ocorriam ao longo da atividade e explicar aos colegas. No fim de cada atividade, todos os alunos foram convidados a observar de perto o que se tinha sucedido.

Como introdução e para relembrar todo o processo do ciclo da água, projetou-se um conjunto de imagens (Anexo XVIII) referentes ao mesmo. Foram feitas perguntas aos alunos a fim de resumir todo este processo e compreender se estes sabiam a diferença entre os vários estados físicos da água. Posto isto, distribuiu-se o protocolo (Anexo XIX) pelos alunos, para que o seguissem e apontassem o que considerassem pertinente. Começou-se por ler o material e o procedimento descrito no protocolo para a primeira atividade. Depois disto, os alunos escreveram o que achavam que iria acontecer. Dividiu-se o gelo pelos recipientes, de forma a ficarem com quantidades iguais, e colocou-se um litro de água quente num recipiente e um litro de água à temperatura ambiente no outro recipiente. Posto isto, os alunos foram convidados a observar em qual dos recipientes o gelo demorava mais/menos tempo a derreter. Depois de observarem, todos os alunos escreveram o que tinham verificado. O mesmo

aconteceu para as duas últimas atividades. Por fim, sugeriu-se ao grupo que escrevesse uma pequena conclusão onde relacionassem os aspetos da atividade realizada com o ciclo da água estudado anteriormente (Anexo XX), visto que “não é suficiente pôr as crianças a manipular objectos (...) é necessário que a criança possa discutir com as outras crianças e com o professor que significados acorda ao que vê e experimenta” (Pereira, 2002, p.84). Como avaliação, para esta intervenção, optou-se pelo preenchimento de uma grelha de observação (Anexo XXI), em que o registo foi efetuado depois de analisar as respostas dadas pelos alunos.

Por fim, a segunda atividade escolhida diz respeito aos oceanos e mares. Pretendia-se com esta atividade distinguir oceano de mar, saber localizar no mapa os oceanos, alguns mares e sobretudo trabalhar a cooperação, fomentando assim o trabalho de pares, visto que, segundo Resendes & Soares (2002) investigações relevaram a importância do trabalho de pares

do ponto de vista ético porque aprendem a valorizar a cooperação; do ponto de vista cognitivo porque tendo a seu lado um companheiro que lhe revela as suas estratégias de aprendizagem, aprende a ver o ponto de vista do outro, e outras formas de pensar (p.95).

Como planificado (Anexo XXII), começou-se por afixar um Mapa-mundo no quadro e conversou-se sobre o mesmo (o que era, para que servia, o que se poderia encontrar nele). De seguida, deu-se a conhecer os vários oceanos e alguns dos mares existentes no planeta Terra, convidando sempre os alunos para verem o mapa de perto. Posto isto, lançou-se um desafio à turma: elaborar cartazes sobre todos os oceanos que iriam aprender. Os alunos foram divididos em grupos de dois e cada grupo ficou encarregue de estudar um oceano. Os grupos foram convidados a estudar as páginas dos seus manuais referentes ao seu tema e depois selecionar a informação mais importante. Para auxiliar essa recolha de dados, os alunos preencheram uma folha de registo (Anexo XXIII). Depois disto, elaboraram um pequeno cartaz (Anexo XXIV) com toda a informação pertinente sobre cada tema. Nesta fase, cada grupo teve de se confrontar com as informações que cada um tinha escrito na sua folha de registo, filtrar de novo aquilo que era importante e decidir como iriam construir o mapa e distribuir tarefas entre si. No fim, os resultados foram muito bons, apesar de a turma nunca ter trabalhado desta forma, o balanço foi positivo. Na sua maioria, os alunos foram capazes de trabalhar com os seus colegas, ouvir as diferentes opiniões e dividir tarefas quanto à execução do cartaz final. Para avaliar o comportamento dos alunos face a esta atividade, elaborou-se uma lista de verificação (Anexo XXV) pois este tipo de listas é de fácil

utilização considerando que “o professor apenas necessita de registar a presença ou ausência de uma acção e não a frequência com que ocorre ou não” (Pais & Monteiro, 2002, p.57).

9. Avaliação

9.1 Avaliação do grupo

Desde o primeiro dia que o professor conhece os seus alunos dá início a um longo processo de avaliação. Começa-se por observar atitudes, comportamentos e posteriormente avaliam-se trabalhos, fichas e testes. Anteriormente à avaliação dos trabalhos realizados cabe ao professor a tarefa de planificar pois “a planificação do acto educativo deve contemplar uma pluralidade de processos através dos quais sejam propiciadas aos alunos oportunidades de adquirirem saberes, deles se apropriarem e, assim, realizarem aprendizagens” (Leite et al., 2001, p.47).

Para avaliar as intervenções realizadas foram utilizadas três formas distintas de avaliação. Observação direta (todos os dias) pois um professor “para poder intervir no real modo fundamentado, terá de saber *observar* e *problematizar* (ou seja, interrogar a realidade e construir hipóteses explicativas)” (Estrela, 1994, p.26); construíram-se grelhas de observação (para a maioria das intervenções) por serem práticas e permitirem “conhecer a frequência dos comportamentos e observar a sua progressão” (Pais & Monteiro, 2002, p.62) e por último, elaboraram-se também listas de verificação, estas “são grelhas de observação que têm como finalidade assinalar a presença ou a ausência de “sinais” comportamentais que podem abranger os vários domínios da aprendizagem.”⁵ assim sendo, optou-se por utilizar as listas de verificação em situações de atividades práticas e de grupo.

Relativamente às áreas de Português, Matemática e Estudo do Meio não foram observadas evoluções ou retrocessos por parte da turma e de nenhum aluno em particular. No geral, os alunos leem bem e sem soletrar, aqueles que apresentam mais dificuldades estão identificados como alunos com disgrafia e disortografia. Por vezes, foram lançadas propostas de escrita a fim de fomentar a criatividade, melhorar a caligrafia e a construção de texto. Com isto, notou-se que os alunos, apesar de lhes serem dadas poucas orientações, já conseguiam escrever bons textos com sentido (Anexo XXVI).

Na área da Matemática, a turma, durante o primeiro período aprendeu a multiplicação, a divisão e hoje já resolve algoritmos e problemas com facilidade. Esta

⁵ In <http://www.educacao.te.pt>

era uma área bastante trabalhada também por parte dos alunos através de inúmeros exercícios.

Por fim, no que concerne a área de Estudo do Meio, as crianças não apresentaram nenhuma dificuldade específica. Desde o início do ano que aprenderam diversos conteúdos como as regiões, rios e serras, as rochas e o ciclo da água. Realizou-se ainda uma atividade laboratorial sobre o último tema referido, na qual os alunos mostraram interesse e aderiram de forma positiva e colaborativa.

9.2 Reflexão

O corpo docente bem como os alunos da instituição cooperante demonstraram uma atitude acolhedora no que respeita à chegada das professoras estagiárias ao colégio. Numa fase inicial “e enquanto não se conhecem, professores e alunos estudam-se mutuamente. É frequente, durante as primeiras semanas, os alunos «testarem» o professor, quererem saber até onde podem ir” (Vieira, 2000, p.20). Nas primeiras intervenções que se realizaram foi um pouco difícil “ter mão” no grupo enquanto turma. Os alunos mantinham algumas conversas durante as aulas que acabavam por perturbar o bom funcionamento das mesmas. No entanto, com o decorrer do tempo o fator barulho atenuou, pois teve de se adotar uma postura mais firme sem esquecer que “um ambiente facilitador da aprendizagem pressupõe uma atmosfera e um meio favorecedor, no qual a qualidade das relações interpessoais é considerada o principal factor” (Vieira, 2000, p.39). Com o tempo começou-se a perceber quais os tipos de atividades que a turma encarava como desafiadoras, no sentido que lhes dava prazer realizá-las. Descobriu-se que a leitura, a interpretação de textos e atividades de carácter prático despertavam nas crianças curiosidade.

De novo, observar e refletir sobre a prática pedagógica foram e serão as primeiras estratégias a utilizar em todo o ato educativo, segundo Alarcão (2013):

é importante que o professor reflita sobre a sua experiência profissional, a sua atuação educativa, os seus mecanismos de ação, a sua *praxis* ou, por outras palavras, reflita sobre os fundamentos que o levam a agir, e a agir de uma determinada forma (p.179).

Acredita-se que desta forma o profissional de educação pode sempre melhorar a sua prática e alterá-la quando considerar pertinente, “ser capaz de decidir, no momento, se será mais eficaz cumprir a planificação feita ou responder às solicitações dos alunos e percorrer um outro caminho” (Pais & Monteiro, 2002, p.40) requer capacidade de

improvisação, no entanto crê-se que seja o caminho correto a seguir se o que se pretende são aulas produtivas e alunos motivados.

Consideram-se que todas as aprendizagens realizadas ao longo do referido período de estágio ao nível do 1.º CEB foram bastante importantes ao nível pessoal e profissional, pois a interação com o meio escolar proporcionou um vasto conjunto de conhecimentos teóricos e práticos que serão muito úteis no futuro como profissional de educação.

10. Conclusão

O processo de escrita do presente relatório levou a que fosse feito um levantamento de todo o trabalho realizado anteriormente e, conseqüentemente, a que se voltasse a refletir criticamente sobre todos os procedimentos. A oportunidade de estagiar na valência de Pré-Escolar, assim como no nível do 1.º CEB proporcionou um conjunto de vivências, sem dúvida, importantes enquanto futura docente. Visto que “a formação é muito importante porque ela orienta o professor em saber como ensinar e como aprender” (Ferreira, 2007) é através da prática e observando as situações de aprendizagem assim como o desempenho docente que se cresce a nível pessoal e profissional. Deste modo, adotou-se sempre uma postura ativa na procura de conhecimento sobre as instituições cooperantes, sobre o trabalho ali desenvolvido e sobretudo sobre as suas crianças. Procurou-se ter em conta as potencialidades e fragilidades dos alunos, respeitar os seus ritmos de aprendizagem, as suas dúvidas, valorizar os seus esforços, valorizar os seus trabalhos e as suas experiências pessoais tendo em conta as necessidades de cada um, pois

o professor autoritário, o professor licenciado, o professor competente, sério, o professor incompetente, irresponsável, o professor amoroso da vida das gentes, o professor mal-amado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum deles passa pelos alunos sem deixar a sua marca (Freire, 1996, p.73).

Foi objetivo deste relatório dar a conhecer parte do trabalho concretizado no que respeita aos estágios realizados. Pode-se concluir que a palavra cooperação foi a base de todo este projeto, pois mesmo quando esta não foi trabalhada diretamente (nas atividades de sala de aula), foi trabalhada nas expressões e nas atitudes do dia-a-dia. Fomentar o espírito de entreajuda, partilha, solidariedade e respeito pelo outro, foi o ponto de partida para tudo, pois acredita-se que num mundo competitivo, como se encontra o nosso, o dever dos profissionais da educação é sobretudo a passagem de valores, preparando os seus alunos para o mundo, quer profissional, quer social.

Referências bibliográficas

- Alarcão, I., et al. (2013). *Formação reflexiva de professores – Estratégias de supervisão*. Porto: Porto Editora;
- Avelino, O. (2005). Participação dos pais na vida da escola e no acompanhamento dos filhos. In Conselho Nacional de Educação, *Educação e Família* (p.77) Lisboa;
- Carabetta, Júnior. V. (2010). Rever, pensar e (re)significar: a importância da reflexão sobre a prática na profissão docente. *Revista brasileira de educação médica*, 34(4), 580-586;
- Conselho Nacional de Educação. (2007). *Ciência e educação em ciência*. Lisboa;
- Estrela, A. (1994) *Teoria e prática de observação de classes: Uma estratégia de formação de professores*. Porto: Porto Editora;
- Estrela, M., (1994). *Relação pedagógica, disciplina e indisciplina na aula*. Porto: Porto Editora;
- Ferreira, S. (2007). *Os recursos didáticos no processo de ensino-aprendizagem*. Cabo Verde: Universidade Jean Piaget;
- Formosinho, J., Katz, L., McClellan, D. & Lino, D. (2006). *Educação pré-escolar – A construção social da moralidade*. Lisboa: Texto Editores;
- Freire, P. (1996). *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra;
- Hohmann, M. & Weikart, D. (2011). *Educar a criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian;
- Homem, M. (2002). *O jardim de infância e a família – As fronteiras da cooperação*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional;
- Johnson, D.W., Johnson, R.T. & Holubec, E.J. (1999). *El aprendizaje cooperativo en el aula*. Barcelona: Paidós [original (1994) *Cooperative Learning in Classroom*. Virginia: ASCD];
- Leite, C., et al. (2001). *Avaliar a avaliação*. Porto: Edições ASA;

- Leite, C., Gomes, L. e Fernandes, P. (2003). *Projetos curriculares de escola e de turma – Conceber, gerir e avaliar*. Porto: Edições ASA;
- Martins, M. & Niza, I. (1998). *Psicologia da aprendizagem da linguagem escrita*. Lisboa: Universidade Aberta;
- Ministério da Educação. (1997). *Orientações curriculares para a educação pré-escolar*. Lisboa;
- Oliveira-Formosinho, J., Formosinho, J., Lino, D. & Niza, S. (2013). *Modelos curriculares para a educação de infância – Construindo uma praxis de participação*. Porto: Porto Editora;
- Oliveira-Formosinho, J., Freire de Andrade, F., & Formosinho, J. (2011). *O espaço e o tempo na pedagogia-em-participação*. Porto: Porto Editora;
- Pais, A.& Monteiro, M. (2002). *Avaliação – Uma prática diária*. Lisboa: Editorial Presença;
- Pereira, A. (2002). *Educação para a ciência*. Lisboa: Universidade Aberta;
- Pereira, M. (Coord.) (1992). *Didáctica das ciências da natureza*. Lisboa: Universidade Aberta;
- Postic, M. (2008). *A relação pedagógica*. Lisboa: Padrões Culturais;
- Reis, P. (2008). *Investigar e descobrir – Actividades para a educação em ciências nas primeiras idades*. Chamusca: Edições Cosmos;
- Resendes, L. & Soares, J. (2002). *Diferenciação pedagógica*. Lisboa: Universidade Aberta;
- Roldão, M. (2004). *Estudo do meio no 1.º ciclo – Fundamentos e estratégias*. Lisboa: Texto Editores;
- Santana, I. (2000). *Práticas Pedagógicas diferenciadas*. Escola Moderna, Nº 8, 5ª série. Lisboa;
- Santos, M. (2002). *Trabalho experimental no ensino das ciências*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional;
- Sprinthall, N. A., Sprinthall, R.C. (1993). *Psicologia Educacional*. McGraw-Hill;
- Vieira, H. (2000). *A comunicação na sala de aula*. Lisboa: Editorial Presença.

Documentos oficiais

Projeto Educativo

Regulamento Interno

Sítios consultados

<http://www.colegioplanalto.pt/>

Consultado a 10 de novembro de 2012

<http://www.jf-lumiar.pt>

Consultado a 20 de novembro de 2012

<http://connectnegocios.com/cst/>

Consultado a 5 de dezembro de 2013

<http://www.educacao.te.pt>

Consultado a 18 de janeiro de 2014

<http://www.joaodeus.com/associacao/detalhe.asp?id=7>

Consultado a 04 de fevereiro de 2014

Anexos